



O autor é membro da equipe do CEI e orienta Exercícios Espirituais.

TER PECADOS E SER PECADOR

JOSÉ ANTONIO NETTO DE OLIVEIRA, SJ

Ao longo da história, o texto da Carta aos Romanos 7,14-25 deu margem a muitas e diversas interpretações. Relembremos alguns versículos desse capítulo:

v. 18: *Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne; visto que enquanto eu posso querer fazer o que é bom, praticar o que é bom está fora do meu alcance.*

v.19: *Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero.*

v. 22: *Pois eu, pelo que diz respeito ao homem interior, me comprazo na lei de Deus.*

v. 23: *Mas, percebo outra lei em meus membros, que trava guerra contra a lei da minha mente e que me torna prisioneiro da lei do pecado que existe em meus membros.*

v. 24: *Desventurado homem que eu sou! Quem me libertará deste corpo de morte?*

v. 25: *Graças sejam dadas a Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso.*

O exegeta Cranfield apresenta sete interpretações dadas a este texto ao longo dos tempos. Ele mesmo, seguindo Metódio, Agostinho, Tomás de Aquino e bom número de exegetas modernos, adota a posição segundo a qual Paulo está se referindo à sua experiência atual, como convertido do judaísmo de tendência farisaica para o cristianismo e apresenta a experiência dos cristãos em geral, incluindo a dos mais maduros em sua caminhada de fé: *“Paulo pensa especificamente nos cristãos. Os versículos que seguem retratam vivamente o conflito interior característico do verdadeiro cristão, conflito que é possível somente no homem no qual o Espírito Santo é ativo e a inteligência humana é renovada sob a*

disciplina do evangelho... nele o poder do pecado é claramente percebido. Quanto mais ele é renovado pelo Espírito de Deus, mais sensível se torna ao poder continuado do pecado sobre sua vida e ao fato de que até suas melhores atividades são danificadas pelo egoísmo entrincheirado no seu íntimo”.¹

Sem pretender entrar na análise exegética e teológica, tentarei neste artigo fazer uma abordagem existencial do texto, baseado na observação cotidiana da vida pessoal e da de tantos cristãos e cristãs que acompanho espiritualmente. Talvez se trate de uma abordagem na linha da espiritualidade. Consultei vários psicólogos sobre a exatidão das referências que faço à psicologia ao longo do artigo, aos quais agradeço a colaboração.

1) “Eu me comprazo na lei de Deus segundo o homem interior”

Na Sagrada Escritura, temos a revelação da presença de Deus na interioridade do ser humano: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). A presença de Deus não está mais no templo de pedra, mas no Corpo de Jesus, que é o Novo e Definitivo Templo em que o Verbo de Deus estabelece sua morada, uma vez que nele “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9). “Ele é a imagem do Deus invisível” (Cl 1,15). Os cristãos tomam logo consciência de que eles próprios constituem o Novo Templo, em prolongamento do Corpo de Cristo; é o ensinamento explícito de São Paulo: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós... Pois o templo de Deus é santo e este templo sois vós” (1 Cor 3,16-17). Por consequência, cada cristão é, ele próprio, o templo de Deus enquanto membro do corpo de Cristo, e seu corpo é templo do Espírito Santo: “Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós e que recebestes de Deus?” (1Cor 6,19). São João, em outras palavras, diz o mesmo: “Se alguém me ama guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23).

São João da Cruz, em sua experiência mística, refere-se a uma terceira “realidade” presente em nós, para além do nosso corpo e da nossa mente, que denomina de “o centro da alma”, onde somos todos à imagem de Deus. Os místicos, de um modo geral, descrevem este “lugar” como sendo inteiramente límpido, luminoso, sadio, não mutilado, não contaminado pelo pecado.

1. CRANFIELD, C.E.B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 152.

São João da Cruz afirma, sem medo de cair no panteísmo, que o “centro da alma” é Deus. Santa Teresa assim descreve esse centro: “A alma é semelhante a um castelo circular e sete moradas visitamos, até chegar ao centro que é um claro e formosíssimo diamante”. Os evangelhos nos falam de encontrar um tesouro escondido no campo, uma pérola preciosa (Mt 13,44-46).

Alguns psicólogos chegaram à mesma descoberta nos seus consultórios clínicos. C.G. Jung nos fala da existência de um “núcleo transcendente” dentro de cada ser humano, que ele chama de “self”, que não é nem consciente, nem inconsciente: é transcendente. Jung constata que aqueles que se aproximam desse centro e chegam a experimentá-lo, descrevem que do self emana o sentido, o significado da existência e dão conta de uma experiência idêntica à experiência de Deus relatada pelos místicos de todos os tempos.

Victor Frankl, também em sua pesquisa na área da psicologia, chega à mesma verificação de São João da Cruz: *“não se justifica, como frequentemente ocorre, falar do ser humano como uma ‘totalidade corpo-mente’. Corpo e mente podem constituir uma unidade, por exemplo, a ‘unidade’ psico-física, porém, jamais esta unidade seria capaz de representar a totalidade humana. A esta totalidade, ao homem total pertence o espiritual e lhe pertence como sua característica mais específica. Enquanto somente se falar de corpo e mente é evidente que não se pode estar falando da totalidade”*.²

Depois da inteligência emocional, fala-se ultimamente da “inteligência espiritual”, um conceito e um assunto ainda não muito claro e bem definido, mas que vai na mesma linha do que estamos afirmando. Danah Zohar, no seu livro *QS – Inteligência Espiritual*³, afirma que a inteligência espiritual coletiva é baixa na sociedade moderna: *“vivemos numa cultura espiritualmente estúpida, mas podemos agir para elevar nosso quociente espiritual”*. São atribuídas dez qualidades às pessoas que se abrem para uma espiritualidade e são espiritualmente inteligentes: – praticam e estimulam o autoconhecimento profundo; – são levadas por valores, são idealistas; – têm capacidade para encarar e utilizar a adversidade; – são holísticas; – celebram a diversidade; – têm independência; – perguntam sempre “por que”; – têm capacidade para colocar as coisas num contexto mais amplo; – têm espontaneidade; e – têm compaixão.

Desse modo, a Revelação nas Escrituras e a teologia, os místicos e os psicólogos, convergem para a afirmação de uma

2. FRANKL, V. E. *A Presença Ignorada de Deus*. 8ª ed. São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes, p.21.

3. MARSHAL, IAN – ZOHAR, DANA. *Inteligência Espiritual*. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012, p. 29.

presença luminosa de Deus no núcleo mais profundo de todo ser humano. A experiência humana dessa presença de Deus é descrita pelos místicos como uma experiência de iluminação em que a pessoa se sente uma só coisa consigo mesma e com Deus. A pessoa não vê Deus diretamente, mas tudo nela se torna claro; o núcleo mais íntimo da pessoa se torna luz. A pessoa não tem palavras para explicar, ela não pode explicar nada; mas bem no fundo ela “viu”, experimentou e sentiu, ela sabe. Trata-se de um conhecimento não teórico, mas experiencial e existencial.

Quem faz essa experiência sabe que não está vivendo nenhum fenômeno auditivo, nenhuma alucinação, e que nem mesmo se trata de uma “catarse”, resultado de cansaço, estresse ou aspiração intensa gerada pelo próprio desejo. A pessoa sabe que isso se passa em algum lugar protegido dela mesma e não fora dela; trata-se de uma experiência inegável mas também assustadora, pois agora só lhe cabe seguir a revelação a partir dessa Presença que a habita!

Santo Agostinho, nas “Confissões”, tenta expressar a experiência por ele vivida, nos seguintes termos: *Sentindo-me estimulado a reentrar dentro de mim, recolhi-me na intimidade do meu coração, conduzido por Vós e pude fazê-lo porque fostes Vós o meu auxílio. Entrei e vi, com o olhar da minha alma, uma luz imutável que brilhava acima do meu olhar interior e acima da minha inteligência. Não era como a luz terrena e visível a todo ser humano. Diria muito pouco se afirmasse apenas que era uma luz muito mais forte do que a comum ou tão intensa que penetrava todas as coisas... era completamente distinta de todas as luzes do mundo criado... Quem conhece a verdade conhece esta luz. Deslumbrastes a fraqueza da minha vista com a intensidade da vossa luz. Tarde vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei. Vós estáveis dentro de mim e eu estava fora e fora de mim vos procurava... Estáveis comigo e eu não estava convosco... Chamastes, clamastes e rompestes a minha surdez. Brilhastes, resplandecestes e dissipastes a minha cegueira. Exalastes sobre mim o vosso perfume, aspirei-o profundamente e agora suspiro por Vós. Saboreei-vos e tenho fome e sede de Vós. Tocaste-me e agora desejo ardentemente a vossa paz*⁴.

Agostinho encontrou o “tesouro escondido” no chão de sua vida, no núcleo mais profundo do seu ser, e ficou deslumbrado. Como ele, muitos outros encontraram esse tesouro e o sentido luminoso de suas vidas. No núcleo mais profundo de nossas

4. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 299.

vidas queremos o bem, queremos fazer o bem, queremos amar: “Eu me comprazo na lei de Deus segundo o homem interior”.

2) “Mas encontro em meus membros uma outra lei que me acorrenta à lei do pecado”

Esse núcleo luminoso da presença de Deus está, contudo, envolvido em nós por uma “área” obscura e cheia de sombras e mesmo de trevas, que os psicólogos chamam de *inconsciente*: é onde nossa afetividade está ferida e traumatizada por tantos acontecimentos dolorosos, sobretudo aqueles da infância, e por tantos condicionamentos culturais, sociais e religiosos.

Experimentamos então a vida povoada de medos e inseguranças: medo de não termos valor, de não sermos merecedores da estima e afeto dos outros, medo do futuro com suas incertezas, medo da morte. A insegurança invade a vida. Experimentamos também a presença das concupiscências ou de tendências obscuras para o mal, que a tradição da Igreja chama de pecados capitais: tendências para o orgulho, a avareza, a luxúria, a ira, a inveja, a gula e a preguiça. Essas tendências estão todas em nós, mas de acordo com as experiências da vida, uma delas terá um caráter mais dominante, com obsessões e compulsões fortes, às vezes até incontroláveis.

Com tudo isso, perdemos a paz e nossas vidas ficam marcadas pela insegurança, por angústias e ansiedades, por sentimentos obscuros de culpa. Tornamo-nos egoístas, agressivos e autocentrados, com dificuldades progressivas para amar, para perdoar, para fazer o bem: “encontro em meus membros uma outra lei” que me escraviza, que me acorrenta ao pecado⁵.

3) O “mecanismo de desconhecimento” ou ocultamento do pecado

Não é fácil reconhecer esta condição de fragilidade interior, de finitude, de inseguranças. Não queremos reconhecer-nos assim e muito menos queremos que os outros nos percebam como inseguros, medrosos, confusos, tristes, depressivos, irascíveis, ressentidos e frustrados. Há uma resistência para o conhecimento verdadeiro de nós mesmos, assinalado pela Sagrada Escritura, pela psicologia e pela espiritualidade.

5. Enfatizamos aqui os registros negativos de nosso inconsciente, sabendo que nele se encontram também registros de experiências positivas da vida: o jogo entre ambos possibilita-nos alcançar certo equilíbrio interior e superações. De fato, no inconsciente não está apenas a área obscura e sombreada; nele estão também nossas luzes. Como não queremos entrar em contato com nossa parte obscura, acabamos por não entrar em contato com nossa parte luminosa. Por isso, torna-se essencial esse contato com o obscuro, o frágil, o indefeso e o machucado, pois assim abrimos também espaço para que possa emergir o melhor de nós. O “joio e o trigo” estão juntos. Temos de entrar em contato, tocar, mexer, envolver-nos com tudo o que somos e assim DEUS poderá trabalhar em nós, nos ajudando a separar o “joio do trigo”.

A Sagrada Escritura apresenta-nos Deus revelando a Israel o seu pecado, através dos profetas. O povo e sobretudo seus líderes políticos e religiosos quebram sucessivamente a Aliança. Mas há uma inconsciência e uma resistência para reconhecer essa ruptura e é preciso que Deus interfira para revelar o pecado. O pecado de Davi torna-se emblemático desse “desconhecimento”: o assassinato frio e calculado de um inocente, e Davi fica tranquilo. É o profeta Natã que lhe revela: *“Tu és este homem”* (2Sam 12,7).

A psicologia conhece por demais essas resistências (mecanismos defensivos do EU) para o autoconhecimento. Os psicólogos, em seus consultórios clínicos, verificam diariamente que seus pacientes procuram refugiar-se na ilusão, resistindo a reconhecer as verdadeiras causas de seus sofrimentos psíquicos. Na medida em que as terapias avançam e começa a aparecer o que realmente “move” o sujeito, a resistência para conhecer a própria verdade é tão grande que muitos chegam a abandonar a terapia.

A espiritualidade, desde tempos imemoriais, conhece e trabalha com essas resistências para o autoconhecimento verdadeiro de si. Ela sabe dessa tendência do pecado para ficar oculto. Cito apenas um autor que me é mais conhecido, Santo Inácio de Loyola, nos seus Exercícios Espirituais.

Na Primeira Semana, Inácio depara-se com a resistência para reconhecer-se pecador e mobiliza tudo para que o exercitante reconheça sua fragilidade, sua finitude e sua incapacidade para salvar-se por si mesmo. Recorre então a petições e comparações depressivas: “pedir vergonha e confusão”; “quem sou eu em face da humanidade toda, dos anjos e de Deus?”; “ver-se como uma chaga”... Petições desoladoras e colóquios consoladores perante Cristo na cruz: um Outro me salva gratuitamente por amor. As Regras de Discernimento dos Espíritos visam ajudar o exercitante a destruir o mecanismo de desconhecimento, as resistências, o autoengano.

Na Segunda Semana, Inácio trabalha as resistências para o seguimento de Jesus. Aqui, o autoengano se torna mais sutil e as falsas justificações mais sofisticadas. Inácio explicita as tentações sob aparência de bem e as “afeições desordenadas”, que no consenso dos comentaristas têm suas raízes no inconsciente e por isso favorecem o autoengano.

Na Terceira Semana, Inácio enfoca as resistências para a cruz, para o esvaziamento do Eu orgulhoso, para as humilhações e desprestígios. É exatamente nesse seguimento radical de Jesus, com

tudo o que ele implicaria, que os cristãos, mesmo os amadurecidos na sua fé, são seriamente desafiados pela força do “pecado que habita em nós”. Há uma resistência a esse seguimento radical que nos leva a racionalizações, a acomodamentos e regateios.

Nesse sentido, há uma “função de desconhecimento” do pecado atuando fortemente em nós. Temos tendência a viver de ilusões, mentiras e autoenganos, e a ocultar a verdade sobre nós mesmos, essa verdade que nos liberta. Há uma frase atribuída a Jesus no evangelho apócrifo de Tomé: “quem conhece tudo, mas não conhece a si próprio, não conhece nada”. Daí a importância da afirmação “a verdade vos libertará”.

O Evangelho tem muitas alusões a essa resistência para o autoconhecimento: *“Por que olhas o cisco no olho do teu irmão e não percebes a trave que há no teu? Como podes dizer a teu irmão: deixa-me tirar o cisco do teu olho quando não vês a trave no teu próprio olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão”*. (Lc 6,41-42). A mesma advertência encontramos nas críticas de Jesus aos fariseus: *“Ai de vós escribas e fariseus hipócritas, que limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estão cheios de rapina e de intemperança! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo para que também o exterior fique limpo! Ai de vós escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão. Assim também vós, por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade!”* (Mt 23, 25-28)

Nas Escrituras há também inúmeras alusões a uma cegueira que resiste à luz: *“A luz veio ao mundo mas os homens preferiram as trevas à luz, porque suas ações eram más”* (Jo 3,19). *“Para um julgamento é que vim a este mundo: para que os que não enxergam, vejam e os que veem tornem-se cegos. Alguns fariseus, que se achavam com ele, ouviram isto e lhe disseram: ‘também nós somos cegos?’ Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos não teríeis culpa; mas dizeis: nós vemos! Vosso pecado permanece”* (Jo 9, 39-41).

4) O EGO – O falso EU

Amparado pelo “mecanismo de desconhecimento” o nosso EU consciente (EGO) tende a colocar um tampão, uma barrei-

ra entre o seu consciente e seu inconsciente, e a formar imagens falsas e deturpadas de nós mesmos, que nos levam ao orgulho e autossuficiência, ao egoísmo e autocentramento, enredando-nos numa espiral estranguladora de fechamento sobre nós e nosso EU onipotente. Desenvolvemos os dons, qualidades e talentos que temos para nos prevalecer perante os outros. Cultivamos um EU inflado que não aceita críticas e reage a elas de maneira violenta. Permanecemos cegos diante de nossas fragilidades, considerando-nos superiores aos outros e juízes de todos.

Nosso EU autocentrado é possessivo e desenvolve vários tipos de obsessões: a obsessão pelas riquezas é a expressão da possessividade insaciável do ego; a obsessão pelo poder é a expressão do EGO que aspira controlar as pessoas, os acontecimentos e a natureza; a obsessão pelo prestígio nos torna invejosos, ressentidos e ciumentos. Centrados em nós mesmos, desconfiamos de todos, nos tornamos inseguros, cheios de medos e ansiosos e passamos a viver na solidão, sem amor, sem compaixão... Nessa situação podemos ser muito cruéis para com os outros.

O autocentramento leva-nos a racionalizações da vida e a uma dificuldade para entrar em contato com nossos sentimentos e emoções: com o amor, a compaixão, as frustrações e ressentimentos, a agressividade e os medos. Não queremos tomar consciência da instabilidade do nosso humor e da possibilidade de estarmos movidos por feridas provenientes de acontecimentos passados, por nossos traumas de infância, por condicionamentos culturais, sociais e religiosos.

Nosso Eu verdadeiro encontra-se sepultado pelo nosso falso eu, por trás da trave que temos diante de nosso olho. Seguindo as tendências de nosso falso eu, não chegaremos a um amor gratuito e seremos incapazes de gratidão, de ação de graças, e de reconhecer que tudo o que temos e somos nos foi dado. E assim nos tornamos incapazes de saborear a paz.

“Somos seres sempre incompletos e insatisfeitos, prisioneiros de desejos, conhecidos ou não, que turvam a visão que temos de nós mesmos e do que quer que seja, fora de nós. No entanto, é essa mesma condição dolorida e humilhante, de pedinte e de inconcluso permanente, que nos faz ascender a possibilidades inesperadas e expansões inauditas”⁶. E, nesse sentido, leiam-se e escutem-se as palavras de Santo Agostinho a partir de sua

6. Cf. RODRIGUEZ, M. T. Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio... – Introdução, in <http://www.cpalsj.org/publique/media/MoreiraIntroduccion.pdf>

experiência pessoal: *“Fizeste-nos, Senhor, para ti; e o nosso coração estará sempre inquieto até descansar em ti”*.

5) “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”

As considerações precedentes, mais existenciais que abstratas, nos levam a formular a seguinte hipótese: o que estamos denominando “ter pecado” ou “ter pecados” – as manifestações, visíveis ou não, de nossos descompassos interiores –, estaria no nível do consciente, e nossa condição de “ser pecadores”, no nível do inconsciente pessoal e coletivo⁷.

a) Ter pecado(s)

Não temos dificuldades para reconhecer que “temos pecados”, falhas concretas no amor. Quando vamos nos confessar, paramos antes da confissão para fazer um exame de consciência, perguntando-nos: “quais os pecados que tenho?” Temos consciência clara deles. A certeza sacramental do perdão de Deus, normalmente, nos traz paz e tende a atenuar o sentimento destrutivo de culpa que pode corroer nossa vida.

Contudo, nos surpreendemos com o fato de voltarmos às mesmas faltas e pecados depois da confissão, e nos surpreendemos, acima de tudo, com o fato de nossas confissões serem muito parecidas ao longo da vida: elas giram sempre em torno dos mesmos pecados. Há uma fonte de nossas fraquezas e fragilidades que permanece obscura para nós. Fazemos propósitos e procuramos recorrer à nossa força de vontade, mas parece tudo em vão: “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”.

Tal sentimento leva muitas pessoas ao desânimo na busca da santidade, sobretudo se elas entendem a santidade na linha da perfeição, pois, nesse caso, julgam que nunca fizeram o esforço suficiente para dominar suas compulsões internas.

Finalmente, o “ter pecados” e, frequentemente, os mesmos pecados, pode levar a um “relacionamento envergonhado” com Deus. Sentimos vergonha quando nos aproximamos dele na oração e este sentimento tende a criar distância em vez de intimidade filial. Deus torna-se para nós uma espécie de “bombeiro”, a quem recorremos quando a casa está pegando fogo.

7. Lanço esta hipótese em vista de ulteriores investigações e aprofundamentos. Se a hipótese é válida, ela sugere uma colaboração estreita entre espiritualidade e psicologia na nossa missão evangelizadora.

Nosso relacionamento com os bombeiros é ocasional e só recorremos a eles em casos de sinistros.

b) Ser pecador

Reconhecer que “somos pecadores” é cair na conta desta situação confusa de fraqueza interior, de debilidade e vulnerabilidade em face do mal – “não faço o bem que quero, faço o mal que não quero” –, como se o país da nossa liberdade fosse invadido por uma potência estrangeira que nos subjuga, nos oprime e nos obriga a fazer o que não queremos.

Reconhecer que somos pecadores é também cair na conta de que não podemos sair dessa situação por nós mesmos, não podemos salvar-nos por nós mesmos: um Outro precisa “*arrancar-nos do poder das trevas*” (Cl 1,13). Alguém “mais forte” precisa retomar o país da nossa liberdade, libertando-nos do “forte” que nos dominava (Lc 11, 21-22): “Tende compaixão de mim, Senhor, porque sou pecador”... O publicano voltou para casa justificado, porque, reconhecendo-se pecador, capitulou diante de Deus, do qual esperava a salvação.

Reconhecer-se pecador é dar início a um novo processo de libertação e integração do nosso ser, é dar início a um novo modo de existir. De um lado reconhecemos nossa fraqueza, fragilidade, confusão e quebra interior, e de outro enchemo-nos de assombro ao descobrir que somos amados gratuitamente por Deus e sem nenhuma condição, assim mesmo como somos. Todos os que fazem essa experiência ficam assombrados, como Pedro na pesca miraculosa. Pedro percebe a santidade imensa de Jesus e também sua própria indignidade. E é nessa indignidade que faz a experiência de ser amado, sem merecer: “*ao ver isto Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus dizendo: ‘Senhor afasta-te de mim porque sou um pecador’; é que o assombro tinha tomado conta de Simão e de todos os seus companheiros*” (Lc 5,1-11). Pela sequência, vemos que Pedro vai continuar fraco e vai negar seu Mestre, mas aí começa um novo modo de existir. Pedro viu e ficou fascinado, encontrou o tesouro escondido no chão de sua vida. Essa experiência possibilita a ele viver a “culpa” de ter negado Jesus de uma maneira radicalmente diferente da vivida por Judas.

Entrar em contato com nosso lado “obscuro e frágil” permite a experiência do perdão misericordioso. Com esse perdão que é AMOR, abre-se, por assim dizer, a “caixa preta”, e descobrimos

que ela é a “caixa de Pandora”: a beleza mais profunda também está lá, junto ao Deus que nos habita. Se não encontramos Deus em nós, embora Ele lá esteja, é porque evitamos o convívio com nossa intimidade mais profunda, com o núcleo íntimo do nosso ser. Quando o fazemos, da escuridão jorra a luz!

6) Quem me libertará deste corpo de morte? Graças a Deus por Jesus Cristo Senhor nosso.

Pelo pecado entrou no mundo o princípio do autocentramento, do egocentrismo, e todos pecaram: *“todos pecaram e estão privados da glória de Deus, mas são justificados, sem merecê-lo, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus (Rm 3,23-24). “Deus encerrou todos na desobediência para a todos fazer misericórdia” (Rm 11,32).*

O ponto de partida para compreendermos a “libertação” deste corpo de morte é a fé. Pela fé acolhemos a alvissareira Boa Notícia, o Evangelho que Jesus nos anuncia: *“O Reino de Deus está chegando, convertei-vos e crede no evangelho” (Mc 1,15).* Acreditem nessa Boa Notícia que trago: “você são pecadores sim, mas pecadores perdoados e amados por Deus”. Creiam que vocês, pecadores, imperfeitos, fragilizados, limitados, inseguros e medrosos são amados e perdoados por Deus que *“não leva mais em conta os seus pecados” (2Cor 5,19).* Trata-se da fé no Deus Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, revelado por Ele como Deus de amor e bondade, misericordioso, compassivo, apaixonado pela humanidade, que não julga, não condena, perdoa sempre, não discrimina ninguém, não nos abandona nunca, não tem inimigos. É a fé no Deus que nos criou para participarmos da sua vida, da sua felicidade, da sua glória; e por isso nos deu tudo o que é e tem, nos deu seu Filho, nos deu seu Espírito, nos dá a vida eterna, nos ressuscita na morte, para estarmos em eterna comunhão com Ele, com toda a humanidade, com toda a criação, na plenitude do amor, da felicidade, da luz.⁸

Para acolhermos esta “Boa Notícia”, esse evangelho, é importante nos distanciarmos de uma concepção do cristianismo como uma religião do mérito, como se devêssemos conquistar, por nossas boas ações, o amor de Deus e a salvação. O cristianismo não é uma religião baseada nos nossos méritos porque

8. Se a imagem que fazemos de Deus é de censura e punição, não conseguiremos nos abrir para Ele e estabelecer com Ele laços de intimidade filial e de dependência. Por isso é importante verificar qual a imagem que internalizamos de Deus. A única válida é a do Pai amoroso e misericordioso revelado por Jesus.

tudo é graça, tudo é dom: *“Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho”* (Ef 2, 8). Um dom, um presente deve ser acolhido com gratidão, e essa gratidão deve expressar-se numa colaboração ativa da nossa liberdade com a graça. Isso Deus espera de nós e é a partir daí que toma sentido o que na vida cristã chamamos de abnegação, renúncia, mortificação. A luta contra os apegos e afeições desordenadas, eliminando os obstáculos que nos impedem de acolher mais plenamente a graça, o dom de Deus. O amor de Deus por nós é primeiro, é gratuito, é incondicional; Deus não coloca condições para nos amar, mas deseja ser acolhido livremente por nós.

A fé nesse amor gratuito e incondicional de Deus não é fácil. Do ponto de vista psicológico, muitos de nós, não tendo recebido um amor gratuito na nossa infância, inconscientemente passamos a entender o amor como uma conquista através de nossas boas obras. Desse modo, nos tornamos crianças obedientes, bem comportadas, estudiosas, boazinhas, que nunca expressavam seus sentimentos de raiva, de revolta, para conquistarmos assim o amor das pessoas que nos cercavam. Essa atitude, nós a projetamos em Deus. Então Deus torna-se o que projetamos nele e não Ele. É um Deus à nossa medida e não Deus mesmo.

Do ponto de vista religioso, creio que muitos de nós fomos educados e formados na vida cristã na linha do mérito e do perfeccionismo: precisamos merecer o amor de Deus e a salvação por um esforço ascético e perseverante de renúncias, de sacrifícios, de boas obras, de fuga do mundo. A imagem que ficou para nós é a daquele Deus que só nos ama se formos perfeitos, se estivermos em “estado de graça”; e tal estado é visto como uma conquista nossa, do nosso esforço, da nossa força de vontade⁹.

As falhas inevitáveis nesse processo nos levavam a sentimentos pesados de culpa, de medo de sermos castigados por Deus, de morrer em estado de pecado e sermos condenados por Deus ao inferno, e por toda a eternidade.

Com tudo isso, não é fácil deixar-se encontrar e amar tal como somos. Diante da alvissareira Boa Notícia de Jesus – “vocês são pecadores perdoados e amados por Deus” –, pode nascer em nós o que Maslow chama o “complexo de Jonas”, que fica triste e magoado porque Deus foi misericordioso com o povo de Nínive: “isso é grande demais para mim”. O complexo de Jonas seria

9. Sobre o conceito cristão, a importância e a necessidade da abnegação, renúncia e mortificação Cf. NETTO, J. A. Perfeição ou Santidade e Outros Textos Espirituais. 2ª ed. Coleção Leituras e Releituras. São Paulo: Loyola, pp. 57-70.

não ter a ousadia de acreditar no perdão e no amor incondicional de Deus por nós pecadores e, conseqüentemente, não acreditar na possibilidade do encontro e da união com Aquele que é nosso Criador e Pai. Será que Deus, que me conhece em toda a transparência, com toda a minha fragilidade, confusão, inconstância, egoísmos, dureza de coração, me ama, me acolhe, me abraça, me perdoa? E mais ainda, conta comigo para a realização de seu Reino no mundo? Seria lindo demais! Temos resistências para acreditar, porque achamos que não merecemos.

O que dissolve definitivamente em nós o “complexo de Jonas” é a experiência espiritual pessoal, a experiência de Deus, de um encontro pessoal com Ele. Esta é a experiência de todos os convertidos, dos místicos e de tantos cristãos, que de certo modo é inefável. O que há de comum entre eles é o assombro, como o de Pedro no texto evangélico acima citado. Aquele que faz a experiência fica atônito, admirado, assombrado de ser amado como pecador que é, e surge-lhe a pergunta: “Por que eu, Senhor, pecador que sou, sou amado assim por Ti?” Tal experiência traz definitivamente, para a pessoa que a faz, a certeza de que o amor de Deus por nós não é fruto de nossos méritos, de nossas conquistas, mas é uma graça graciosa, um dom. Deus é apaixonado por mim e por cada pessoa humana que Ele criou para sua glória. E daí a missão: *“ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Notícia a toda criatura”* (Mc 16,15).

7) Conclusão

A título de conclusão, apresento algumas considerações:

1. A consciência de sermos pecadores, de estarmos numa condição de fragilidade e confusão, deve ser sempre muito viva em nós. Esta consciência de nossa pequenez nos colocará sempre na humildade, na dependência de Deus, uma dependência filial, amorosa, confiante. Apenas a consciência de “ter pecados” não nos leva necessariamente a esta dependência. A humildade nos levará a procurar a vontade de Deus para nossas vidas e a realizarmos essa vontade, como Jesus o fez. A humildade nos levará também a uma contínua ação de graças por tudo o que Deus fez e faz por nós e, conseqüentemente, a perguntarmos:

“que devo fazer por Deus”? A missão será sempre uma resposta de gratidão a Deus.

2. O “ter pecados”, isto é, nossas faltas cotidianas no amor, devem ser combatidas. Com a graça da redenção, podemos vencer o pecado com a ajuda do Espírito Santo: *“O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”* (Rm 5,5). O Espírito Santo é a Pessoa Divina que internaliza em nós o amor, a caridade. Com sua ajuda podemos vencer largamente o pecado. Contudo, nunca obteremos um resultado cem por cento.

3. Enquanto estamos nessa peregrinação terrestre, experimentaremos uma oscilação entre estados interiores de consolações e desolações espirituais. Como Jesus, ora estaremos no Tabor, na plenitude da luz, ora estaremos no Jardim das Oliveiras, na escuridão. Para Santo Inácio, tanto a consolação como a desolação são lições que Deus nos dá, ou seja, Deus está nos ensinando e educando, e temos sempre algo a aprender em ambas as experiências. Na consolação aprendemos muito sobre Deus e na desolação sobre nós mesmos. A desolação nos recorda sempre nossa fragilidade, nosso “ser pecador”, e nos mantém na humildade.

Laurence Freeman descreve assim esses estados interiores: *“Por um momento você pode se sentir seguro, equilibrado, compassivo, centrado nos outros, ancorado no coração, mas, imperceptivelmente, formam-se apegos e com eles as ilusões. Quando a realidade desponta e expõe esses elos fracos, a cadeia inteira parece quebrar-se em pedaços. De repente, podemos ser jogados em meio à dor, raiva, tristeza... No intervalo da tempestade, descobrimos que este estado é temporário e pode ser assimilado, mas também podemos sentir-nos incapazes de controlá-lo. No final de um longo dia de ‘luta do coração’, a saúde é restaurada. Tal como acontece com Jesus em sua paixão, o ego vai se acomodando mediante a força divina do amor. Este amor incontrolável surge inesperadamente e varre tudo. Somente quando o equilíbrio é restaurado, vemos que o que parecia ser fracasso e desilusão (e o era) era de fato, mais verdadeiramente, graça e crescimento”*.

É necessário manter sempre o contato e o convívio com o nosso lado frágil, com o nosso “ser pecador”, porque embora não pareça, é aí que reside a nossa fortaleza: *“Quando sou fraco, então é que sou forte”* (2Cor 12,10), ousa dizer São Paulo, porque então é a força de Cristo que habita em mim.

4. Acolhendo e vivendo a Boa Notícia: “Somos pecadores amados por Deus”, temos a possibilidade de dominar os medos que nos assaltam ao longo da vida e nos paralisam. Não deixa de impressionar a insistência do Antigo e Novo Testamento nessa tecla: *“não temas, Eu estou contigo”*. Porém, o medo é associado à falta de fé: ao acalmar a tempestade, Jesus parece admirar-se da falta de fé de seus discípulos: *“por que tendes tanto medo? Ainda não tendes fé?”* (Mc 4,40). O medo por excelência é o medo da morte, e o medo da morte nos torna escravos, como bem o assinala a carta aos Hebreus: Jesus morreu para *“libertar aqueles que, pelo medo da morte, estavam toda a vida sujeitos à escravidão”* (Hb 2,5). Quem ama deseja a vida e a felicidade para a pessoa amada. Gabriel Marcel deu a seguinte definição do amor: “amar alguém é poder dizer-lhe: você não morrerá jamais”. Todos nós temos esse voto do amor: não desejamos a morte, mas a vida para as pessoas a quem amamos. Contudo, na nossa impotência e finitude, não podemos cumpri-lo. Somente Deus, no seu amor apaixonado por nós pecadores, pode dizer e nos diz de fato: “Eu o amo e você não morrerá jamais. Eu o ressuscitarei na morte, para a vida eterna.” Livres do medo da morte, que outras criaturas ou situações poderão nos amedrontar? Não temas, Eu estou contigo... *“Deus é para nós refúgio e fortaleza, ajuda sempre pronta nas angústias; por isso não tememos mesmo que a terra trema, mesmo que as montanhas caiam no meio dos mares; mesmo que suas águas rujam furiosas e os montes tremam ao seu embate. O Senhor dos Exércitos está conosco, nossa fortaleza é o Deus de Jacó”* (Sl 46,2-4). *Senhor, Tu és o meu Pastor... nenhum mal temerei porque Tu estás comigo* (Sl 22,4)

5. Libertos dos medos, podemos encontrar a paz que tanto almejamos. A paz é fruto da certeza de sermos, como pecadores, incondicionalmente amados por Deus. Na nossa experiência de finitude nos depararemos muitas vezes com situações que nos causarão angústias e na nossa condição de pecadores frágeis experimentaremos muitas vezes sentimentos de culpa por nossas faltas e desacertos. Sentimentos corrosivos da vida. Angústias e sentimentos de culpa nos tiram a paz do coração. Somente a recuperamos se temos a certeza na fé de que há um Deus que nos ama, nos acolhe, nos abraça, nos perdoa, não nos condena, não nos julga. É a paz que experimenta o filho pródigo ao receber o abraço acolhedor do Pai Misericordioso. *“Eu vos deixo*

a paz eu vos dou a minha paz, não como o mundo a dá, não vos perturbeis” (Jo 14,27). Na certeza desse amor apaixonado de Deus por nós, São Paulo pode cantar: “quem nos separará do amor de Cristo: tribulações, angústias, perseguições, perigos?... Estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem criatura alguma nos poderá separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8,35-39).

A fé em Jesus nos salva e nos leva ao amor-serviço.